

## Poesia temática

CHARLIE  
CHAPLIN



### POEMA INÉDITO DE 1958 DO POETA JOSÉ CRAVEIRINHA

Atenção!

Na impaciência histórica da campanha  
fechavam-se as cortinas das portas  
lentamente abria-se o pano do palco  
e uma súbita faca de penumbra  
degolava as luzes.

E bastava isso para assobiarmos freneticamente  
exigindo todos os nossos direitos com os pés  
raivosos a bater forte no cimento  
ou nas bancadas das galerias.

E quando já estávamos dentro da brancura do écran  
lá vinha o Charlot fazer-nos participar  
nos longínquos problemas de Nova-Yorque  
ele aos ziguezagues do seu óptimo  
par de botas cambadas.

E então não vos digo nada.  
As nossas vidas esgotadas de comédias toda a semana  
escorregavam  
escorregavam  
escorregavam no truque das barracas aos tombos

[no filme  
e toda a galeria do Cine-Variedades unânime voava  
nas nossas épicas gargalhadas estragando  
o calor do silêncio amadurecido  
de bocas sem respiração no escuro  
tudo a rir das fictícias amarguras do Charlot  
comicamente quase a cair

quase a cair  
quase a cair  
mas só quase a cair senão acabava cedo a piada  
dos fascinantes acontecimentos na tela do Cine-  
[Variedades  
onde nós chefiados pelo Charlot almoçávamos  
[um suculento

# QUANDO CHARLOT AINDA

bife tenro de solas sabendo a saboroso frango  
assado nas brisas com pipiri e molho de limão  
num daqueles delirios sitios nos restaurantes  
da Quimera do Ouro  
desta cidade.

Ah!

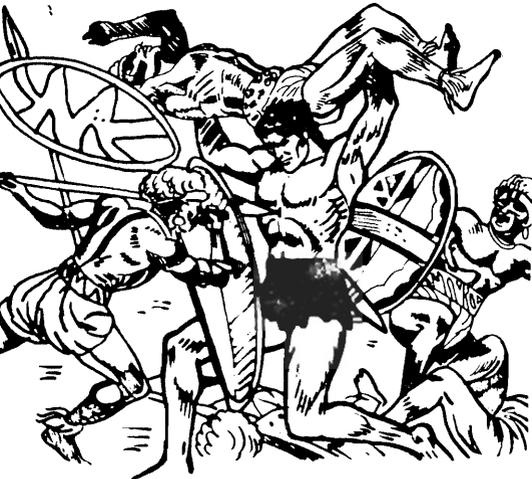
Meus fantásticos velhos tempos de quinhentas  
[de amendoim torrado  
matinéas no pomposo Cine-Varietades de madeira-e-  
zinco umas vezes um Lord Inglês selvagem de 1.º em  
Africa com um punhal e um grito a dar cabo de mil e  
um pretos do mato inventados numa casa de Londres  
pelo espertalhão britânico Edgar Rice Burroughs  
(quanto recebiam os negros no papel de selvagens  
[de 6.ª categoria?])

outras vezes Mr. Drácula de smoking e laço  
[a chupar-nos o sangue à meia-noite  
ou então um tal Tom Mix de revólver branco aos tiros  
[de luvas brancas  
o chapéu logicamente branco na cabeça obcecada por  
[indios ferozes a fingir  
nunca apanhando Tom Mix a tripular o seu super  
[cavalo imaculadamente  
Silver todo branco desde as patas ao rabo abanando  
[as moscas do Texas  
e a malta na plateia aos berros ainda por cima fazia-  
[lhes' o jogo  
batendo palmas ao gajo e à sua gaja e chamando-lhes  
em vez de sacana e sacaninha  
o «rapaz» e a «rapariga».

Mas era mesmo um gozo ver o Charlot a manejar  
[a bengalinha mágica  
de bambu nas férteis incongruências sociais de Nova-  
[Yorque



EDGAR RICE BURROUGHS  
**Tarzan**

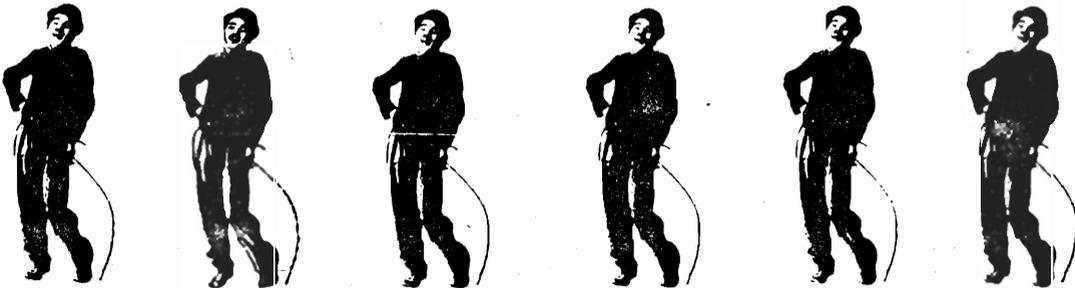


# VIA NO CINE-VARIEDADES

as mil razões de Charlot no seu inverosímil par de  
 [chancas  
 em crise a beber água dos charcos norte-americanos  
 e ele bombeiro de calças a descaírem Los Angeles  
 [abaixo  
 o jogo de bigode e sobrancelhas à Hitler predominando  
 até às bancadas populares dos fundilhos rotos  
 e o Alto-Maé transbordando a suburbana  
 espécie de gargalhadas sem humor  
 ao ritmo dos fox-trots  
 do Teófilo pianista  
 a fazer o sonoro dos filmes  
 mais os nossos estridentes asaobios  
 e cadências de pés conforme as peripécias.

Ah! O absoluto abismo branco do Cine-Variedades  
 onde nós patinávamos na lama suja da guerra  
 [entameando  
 o Charlot que não tinha exército que lhe resistisse  
 na farsa marcial de palhaço armado em soldado  
 heróicamente palerma de sentinela  
 nas trincheiras de lodo.

Eram os tempos das quadrilhas a cavaio  
 levando-nos pela rédea aos cenários de Hollywood  
 e nós pendurados no pitoresco bigode tão giro  
 [de Charlot  
 comercialmente bom filho do Emigrante Charlie  
 [Chaplin já um bocado rico  
 um cómico rindo-se dos outros burgueses com seu  
 chapéu de coco  
 vadlando à vontade nas Luzes da Cidade com todo  
 [o rigor  
 talvez para não ver cair no mesmo drama do Garoto  
 os restantes milionários na corda bamba  
 deste Circo.



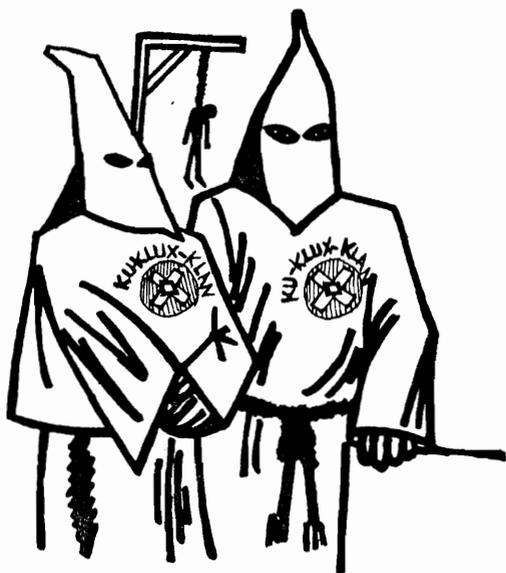
### Enfim aos Domingos

excepto espreitar as miúdas a vestir-se na praia  
os desafios de futebol mete cinco muda campo  
e padecer pelas garotas à saída da missa  
prevalcia nos Tempos Modernos antigamente  
o Charlot das controversas botas corrompendo-nos  
a favor da menina Paulet Godard e do menino Jackie  
[Coogan  
e à força das músicas do Teófilo pianista e do seu  
[romantismo  
o Charlot punha-nos sãos e salvos da fome até  
[segunda-feira  
todos no centro de cada filme  
ludibriados de riso.

A verdade é que com Charlot ou Charlie Chaplin  
[nunca tivemos milandos.  
Mas isto muito cá para nós que nem sabemos onde  
[fica Nova-Yorque  
não teria sido nada mau se ao menos só uma vez  
[o amigo Charlot  
também nos mostrasse mesmo a fazer rir da Munhuana  
[ao Xipamanine  
que para além do seu altruísmo de accionista da  
[United Artists  
já existiam lá para aqueles lados onde se fazem  
[os dólares  
outras longas e curtas metragens em bobinas  
[de angústia  
com cinemas de graça exclusivos de negros,  
linchados em beneméritas sessões  
da Ku-Klux-klan!

### Caro Mr. Charlie Chaplin:

Não se nega o talento artístico do Charlot em Nova-  
[Yorque  
a enriquecer fazendo pouco dos ricos  
mas dinheiro dinheiro, amigos e negros à parte.  
E desculpa lá o mau jeito africano  
deste meu filme no Cine-Varietades  
fora do teu circuito.



*Traçar, de uma outra forma, o momento cultural descrito pelo poema de José Craveirinha que aqui inserimos, é obra fútil.*

*Desnecessário será recordar o quotidiano dos jovens que, em rebeldia a um sistema que lhe era estranho, encontravam na figura pobre de Charlot em luta contra ricos e ditadores, a identificação que lhes era necessária. Mesmo, como diz o poema, quando esses filmes jalavam da luta dos pobres contra os ricos nos EUA e se esquecia de fazer referência aos sistemáticos linchamentos que a Ku-Klux-Klan levava a cabo contra os negros norte-americanos.*

*O Cine-Varietades, situado onde é actualmente o Museu da Revolução em Maputo, era mesmo de madeira-e-zinco e o Teófilo pianista não é fioura imaginária do poeta, bem como não o são as referências aos vários filmes de Charlie Chaplin como «Os Tempos Modernos», «A Quimera do Ouro» «O Circo» «O Ditador», «Luzes na Cidade» etc., etc.*

*Poema que nos fala da vivência quotidiana de uma cultura. «Quando Charlot ainda vivia no Cine-Varietades» foi escrito em 1958, referindo-se aos anos 30, época dos acontecimentos aqui retratados.*

*Ficou durante todos estes anos inédito e José Craveirinha acedeu agora trazê-lo a público. Aqui fica.*



JOSÉ CRAVEIRINHA EM 1958